



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/idade-do-amor>

Ilé Ifè, cidade do amor, primeira morada de òrìsà na Terra, bem antes da diáspora africana

Maria das Glória Feitosa Freitas/Yeye Oribato Obátálá Ilé Ifè[1]

A cidade de Ilé Ifè, centro de um grande reino africano há 25 séculos, teve grande influência em várias etnias naquele continente, refletindo de forma marcante na formação do povo brasileiro.

Para entender a importância histórica, cultural, cosmológica da cidade de Ilé Ifè, nos mais diversos mundos, tempos e colonizações, é necessário lembrar que é um reino antigo africano, com evidências históricas da origem em torno de 500 a.C e considerado como um centro relevante de produção artística entre 700 até 900 d.C.. Já no Brasil, ninguém escapa das influências de uma das principais matrizes formadoras do povo brasileiro, os diversos povos africanos que vieram escravizados ao Brasil, incluindo pessoas do povo *Yorùbá*[2].

Sendo importante descolonizar o pensamento e tomar uma posição antirracista e admitir: “Foi na parte oriental da África que a humanidade surgiu, há aproximadamente 3 milhões de anos” (KI-Zerbo, 2010, p. 511), percorrendo jornada de um modo ereto e criando os apetrechos. No geral, nós, os brasileiros, nos dedicamos muito ao samba, muita gente já ouviu falar em Ogum ou Iemanjá, divindades das diversas religiões afro-brasileiras, sendo que alguns dizem que essas divindades ou orixás vieram da África.

Nos nossos contatos com alguns brasileiros, atuando com o sacerdote Obà Oribato Obátálá Ilé Ifè, como sacerdotisa, encontramos pessoas que concebiam a África como remota, com referências que já se perderam no tempo e alguns até concebendo como um país só atrasado e pobre. Demandando alargamento de políticas públicas que englobem a difusão de conhecimentos sobre reais e atuais sobre histórias e culturas africanas, sendo assim antirracistas.

Entendendo que uma política racista “é qualquer medida que produza ou sustente desigualdade racial entre grupos raciais. Uma política antirracista é qualquer medida que produza ou sustente igualdade racial entre grupos étnicos” (Kendi, 2020, p.18). Política, aqui compreendido como um



conjunto de “leis, normas, procedimentos, processos, regulamentações e diretrizes escritas e não escritas que orientam as pessoas. Não existem políticas não racistas ou neutras em relação à raça”. (Kendi, 2020, p.18).

Além disso, foi possível perceber expressões de muito preconceito, com falas ríspidas e bem longe de serem antirracistas. Assim era possível perceber que a perspectiva do colonizador branco, católico e eurocentrado pegou bastante sobre corpos e mentes de pessoas africanas, indígenas e afro-brasileiras. O passado ancestral africano dos brasileiros e brasileiras aparece muitas vezes com o racismo recreativo e até já tipificado como crime em 2023. Como escreveu uma pioneira no Movimento Negro e intelectual, a Historiadora Beatriz Nascimento[3]:

Ser negro é enfrentar uma história de quase quinhentos anos de resistência à dor, ao sofrimento físico e moral, à sensação de não existir, a prática de ainda não pertencer a uma sociedade na qual consagrou tudo o que possuía, oferecendo ainda hoje o resto de si mesmo. Ser negro não pode ser resumido a um ‘estado de espírito’, a ‘alma branca ou negra’, a aspectos de comportamento que determinados brancos elegeram como sendo de negro e assim adotá-los como seus (Nascimento, 1974, p.76).

São recorrentes as falas ásperas ou de zombarias, sempre racistas, voltadas aos africanos e aos descendentes, no caso do Brasil, voltadas aos afro-brasileiros, levando um tempo considerável para que o autorreconhecimento como pessoa indígena, parda ou preta demonstrassem que a maioria brasileira não é branca. A influência religiosa africana no Brasil não permaneceu isenta de muitas ofensas e incompreensões por desconhecimento.

Tocar nas maravilhas cosmológicas do povo *Yorùbá* demandam esse entendimento prévio. Já que “práticas e os valores culturais dos negros foram incorporados como produção nacional popular, reduzindo a diversidade dos afro-brasileiros à diferença racial, socialmente estigmatizada”. (Bandeira, 2003, p. 144). Sendo assim, aprender sobre *Ilé Ifè* é percorrer o caminho inverso ao racismo e as mentiras que parecem verdades e ditas em mais de 520 anos.

Lá na Nigéria, onde está localizada a cidade de *Ilé Ifè*, ou aqui no Continente Americano, pouco se sabe sobre um dos orixás mais importante da religião tradicional *Yorùbá*. Seja pelo desconhecimento da cosmologia *Yorùbá* e/ou pelos efeitos das ações das religiões de origem euro-coloniais, disseminadas nos continentes americano e africano, apagando as histórias e as



culturas africanas. Por sinal, a Lei 11645/2008 obriga o ensino das histórias e das culturas indígenas, africanas e afro-brasileiras na Educação Básica no Brasil.

Por um tempo, o Google traduzia a palavra Èsù (lê-se como Exú), em língua *Yorùbá*, como *Satanás*, e o contraditório é que a figura do Satanás inexistente entre os orixás que desceram do céu até a Terra. Satanás é tipicamente presente em importantes religiões bem disseminadas na Europa e em países que viveram a colonização de um país africano. Essa tradução maquiavélica, racista, preconceituosa e que pegou como uma *fake-news* na nossa contemporaneidade, foi escrita pelo bispo da Igreja Anglicana, Samuel Ajayi Crowther, nascido em Osogun na Nigéria, um homem que foi escravizado e posteriormente libertado por missionários.

Ainda que tenha passado pelo terror da escravização, era abolicionista, defendendo a libertação dos colonizados africanos, contanto que os alforriados tivessem as suas ‘mentes adestradas’, “afastando-se de costumes tribais sub-humanos e cujos espíritos expurgariam crenças negras bárbaras, dando lugar à mais importante libertação: a aceitação da palavra sagrada” (Frias, 2019, p. 11). Na visão dele a única caminhada era afastar-se das divindades do povo que ele próprio pertencia, o povo *Yorùbá*. E que tinham outras e diferenciadas palavras sagradas em oráculos.

Assim a palavra Èsù foi sendo traduzida como Satan. Em 2015, o tradutor do Google traduzia Exú como o Satan (Satanás). Em um movimento liderado por jovens sacerdotes e sacerdotisas da nossa religião tradicional *Yorùbá*, em camisetas e nas caminhadas, que continua acontecendo atualmente é possível ler e ouvir a frase: “Èsù no is Satan”, demandando que a visão branco-ocidentalista, eurocêntrica, racista e de intolerância religiosa, não esteja presente até no simples ato de traduzir o nome de uma divindade, um orixá do povo *Yorùbá*.

O culto ao *òrìsà Èsù* atravessou o Atlântico e chegou com os africanos escravizados, entre aqueles que vinham da África Ocidental. Já que vieram para as Américas os “povos sudaneses e/ou *Yorùbás* (nagôs, ketus, egbás); gegês (ewês, fons); fanti-ashanti (genericamente conhecidos como mina); povos islamizados (mandingas, haussas, peuls)” (Silvério, 2013, p. 13). Entre outros povos. E, ainda, com diversos povos africanos escravizados, incluindo *Yorùbá*, veio uma farmacopeia de fitoterápicos, com a “manipulação de plantas medicinais e condimentares em comunidades quilombolas e/ou afro-brasileiras como um patrimônio cultural, e hoje se avalia seu uso, e



importância, na atenção básica à saúde” (Silvério, 2013, p. 13). Todo este legado é hoje afro-brasileiro. Seus difusores são desconhecidos de muitos.

Além de Èsù, outros orixás eram cultuados, aconteceram iniciações, rituais aconteciam, ainda que a perseguição religiosa seja uma longa página da história dos escravizados. O povo *Yorùbá* influenciou em “música e dança/rituais, a elaboração de esculturas em madeira, em metais e outros trabalhos manuais como, por exemplo, instrumentos musicais. A cultura iorubana é apontada ainda como fonte de influência ao nosso léxico” (Silvério, 2013, p. 13).

Òrìsà (orixá) pode ser traduzido para o português do Brasil como “Grande Cabeça”. Acima dos 401 orixás está *Olódùmarè/Deus*. Suzanne Wenger, artista que morou em Osogbo e lá foi iniciada em Oxum, contribuindo com o atual acervo artístico monumental a beira do Rio Oxum, ela entendia que o relacionamento entre *Olódùmarè/Deus* e os orixás podia ser explicado da seguinte forma: *òrìsà* seria o universo visto por um ângulo particular, já *Olódùmarè* seria a soma absoluta das complexidades todas, configurando o universo concentrado em uma inteligência.

Olódùmarè, (*Ol'(Oni)* odu mare, seria traduzido assim: o líder absoluto ou autoridade maior (muito grande, pleno), aquele que permanece e que sempre é. Deus, na concepção *Yorùbá*, é “aquele que tem autoridade absoluta sobre tudo o que há no céu e na terra e é incomparável; mare = aquele que é absolutamente perfeito, o supremo em qualidades” (Ribeiro, 1996, p. 60).

Olódùmarè orientou que *Obàtálá* criasse a vida na Terra. A partir desta realidade criada, tudo o que vive na Terra “tem uma dimensão interna e oculta. Aquilo que falta aos olhos vivos é o eu oculto celestial ou espiritual. É assim para os humanos e assim também para as árvores. E todos os demais seres vivos/seres espirituais que vivem na floresta, nos bosques, nas matas” (Dada; Freitas, 2018, p. 01). Não derrubar uma árvore, dentro desta cosmovisão religiosa *Yorùbá*, significa preservar um ser vivo e espiritual, a partir do entendimento de que em cada pequena árvore um espírito cresceu “devagarzinho e/ou uma morada de espíritos, simbolizando ou encarnando certas realidades espirituais” (Dada; Freitas, 2018, p. 01).

Alguns dos 401 orixás existentes, uma grande parte deles são cultuados nas cidades da Nigéria em que vive o povo *Yorùbá*, nos estados de Oyo, Osun, Ogun, entre outros. Em alguns países da Diáspora Africana, em países como México, Cuba, Brasil, Trinidad Tobago, Venezuela, dentre outros



países, a forte presença *Yorùbá* nos tempos de escravização trouxeram alguns destes Orixás e seguem sendo cultuados.

Entre estes orixás está Obàtálá, convocado por Olódùmarè para a criação do mundo. Depois de construída a morada terrestre, Obàtálá viveu em Ilé Ifè e vários outros orixás. “Obàtálá pegou essas matérias todas e seguiu o caminho. Quando Obàtálá chegou no lugar que se chama *orita meta ete* – um lugar localizado entre o céu e a atual Terra que agora habitamos, este lugar que era somente de cheio de água, como o atual Oceano” (Dada, 2020, p. 01). Obàtálá estava na companhia da mulher dele, a orixá Yemòó, e regressaram juntos ao Orun/’Céu’.

Ilé Ifè é o berço da existência humana e a Fonte da Humanidade, diz o povo *Yorùbá* desta cidade! Uma vez por ano, no festival Olojo, acontece um dia dedicado a celebrar a importância de todos os *òrìsà* como Obàtálá, Odùduwà, Orunmila, Ògún (Ogum), Òsun (Oxum), Yemoja, Èsù e outras divindades que chegaram com a tarefa de ocupar e liderar no mundo recém criado.

Ògún é orixá da justiça e da guerra, possuidor da habilidade em utilizar o ferro, criou uma corrente para facilitar a descida dos orixás do céu até o mundo, a partir de Ilé Ifè. O festival de Olojo é dedicado a *òrìsà* Ògún. Este orixá foi o desbravador que abriu o caminho para todos os demais orixás. Nos dias atuais é considerado como uma divindade que age, ainda, com as tecnologias, computadores e internet.

Èṣù (lê-se em português como Exú), o mensageiro é responsável por levar as oferendas aos demais orixás. É a personificação do bem, presença de positividade sagrada, administrador da justiça, protege as cidades, do povo *Yorùbá*. “Por que as pessoas morrem? Foi porque Èṣù pediu emprestado a terra a Ilè e que foi usada para fazer argila molhada. O que Ilè (mãe da terra) disse para Èṣù foi que depois que ele terminasse de usar essa terra (areia) para que Èṣù devolvesse isso à Ilè (mãe da terra)” (Dada, 2020, p. 01).

Com protagonismo feminino defendido pelo próprio Olódùmarè, na ocasião em que os orixás deixaram de convidar e ouvir a orixá Òṣun (Oxum) nas decisões conjuntas, nos primeiros dias na Terra. “Òṣun que tem palmeira fresca. Òṣun poderosa mulher que não pode ser atacada” (Agbaye, 2020, p. 55). Susanne Wenger, ativa na criação do atual Bosque, em Osogbo, dedicado a esta orixá, defendeu que Òṣun é uma deusa/orixá das águas da vida. “Como ela é uma *òrìsà*, ela é



sobrenaturalmente intensa, uma concentração metafísica de uma força distinta (força sagrada) que também está contida não só no homem e em tudo o que vive, em tudo o que existe fisicamente, mas também em Olódumarè, o próprio Deus” (Wenger, 1977, tradução nossa).

É uma das orixás mais populares nos países da Diáspora Africana, em países como o Brasil. Por outro lado, em Ilé Ifè, não se associa um(a) orixá do povo *Yorùbá* com nenhum santo ou santa relacionado com a Igreja católica. Recorrentemente no Brasil, as pessoas falam que Oxum seria sincretizada em uma ou outra Santa católica. Ọṣun é ainda o nome do rio em que a orixá é cultuada. “É Ọṣun a quem você deve recorrer. Ọṣun, dona da água sagrada, que rapidamente se levanta para ouvir sua oração. Ọṣun nunca apóie mau comportamento” (Agbaye, 2020, p. 21).

A religião tradicional *Yorùbá* está interessada com a formação ética das pessoas do povo *Yorùbá* ou a qualquer pessoa interessada da Diáspora Africana. Uma longa jornada é vivenciada para atingir esta excelência de comportamento moral e social. A pessoa bem-educada, chamada de Ọmọlúàbí “deve demonstrar e exibir o valor de *ìwàpẹ̀lẹ̀* [bom caráter]. O bom *ìwà* [caráter] é superior, é um papel importante na integridade dos indivíduos. A pessoa que tem *sùúrù* [paciência] se beneficiará do caráter” (Agbaye, 2020, p. 21). Caráter é essencial. “Entenda que bom *ìwà* [caráter] é superior a qualquer boa sorte ou oportunismo. Bom *ìwà* [caráter] promove prosperidade, sucesso, respeito e vida longa!” (Agbaye, 2020, p. 31).

Os seres humanos com seus orís podem, sempre que necessitem, lembrar o destino acertado antes de toparem as trajetórias na vida terrena. “O termo orí é usado para se referir à cabeça física ou externa de uma pessoa e a sua cabeça interna (orí-inú). Orí-inú é um dos elementos mais importantes da nossa cosmovisão *Yorùbá* e da concepção tradicional *Yorùbá* da personalidade/caráter” (Dada; Freitas, 2018, p.01).

Ogunnaike (2015), depois de ouvir muitos sacerdotes do povo *Yorùbá*, defendeu que *orí-inú* é, concomitantemente, destino, divindade pessoal e fonte. Deste modo, no corpus do Oráculo de Orunmila, com seus 256 odus (diferentes unidades e sacadas com a escolha de uma corrente de sementes) e diversos versos, é possível entender que “cada pessoa escolhe um orí no céu. Alguns são bons e levam a uma longa vida e prosperidade, enquanto outros acabam em ruínas. Em uma variante do mito, ao sair do céu, cada pessoa se destaca à Árvore do Esquecimento, Igi Igbàgbé, e declara o destino que ela escolheu” (Ogunnaike, 2015, p.260).



O que se passa ao longo da existência humana é que ainda que a responsabilidade da escolha seja de cada pessoa, ocorre a passagem por essa árvore e “depois de passar por seus ramos, e descendo para o mundo, toda lembrança deste destino está perdida/esquecida. Em todas as versões do mito, Orunmila testemunha sozinho a escolha de *orí* e é assim chamado *ẹlẹrìí ipín*, ‘a testemunha da escolha (do destino)’” (Ogunnaike, 2015, p.260). Para conseguir reconstituir um pouco desta memória da escolha se deve consultar o oráculo. “Por esta razão, Orunmila pode ser consultado através da adivinhação para determinar o conteúdo ou os desejos do *Orí*” (Ogunnaike, 2015, p.260). Orunmila é o orixá da sabedoria.

Os oráculos do povo *Yorùbá* conseguem trazer dicas sobre os destinos já acertados e reaproximar o consulente de como vencer os desafios. O Oráculo trazido pelo *òrìsà* Orunmila (orixá da Sabedoria) contém 256 odus e inúmeros versos que memorizam as passagens dos orixás e as vezes em que tiveram problemas semelhantes aos seres humanos como temas relacionados a prosperidade, trabalho, casamentos, fertilidade, desentendimentos, doenças e busca de vida longa, entre tantos outros temas tão comuns as existências humanas. Assim, estes exemplos de buscas dos orixás aos oráculos, nos tempos em que os orixás viviam em *Ilé Ifè*, e usavam as consultas oraculares como “recursos divinatórios para conhecer os desejos do próprio *orí*” (Ribeiro, 1996, p. 55). Significando “que as vidas dos orixás também regidas por seus *orí* beneficiam-se da consulta” (Ribeiro, 1996, p. 55).

Os oráculos do povo *Yorùbá* são fontes plenas de sabedoria e de abertura de alternativas, seja um simples obi que se parte em quatro pedalos e se faz uma consulta, seja os 16 búzios do *Merondilogun*, seja a corrente de sementes e *ikins* e que configuram nas caídas um dos 256 odus, nunca estáticas e que tocam no acordo firmado, ainda no plano espiritual é chamado de *Orun*, e que costuma ser esquecido pelo consulente, ao passar pela Árvore do Esquecimento, antes de fazer a experimentação na Terra. Assim, cada consulta é uma forma de se chegar destes acertos até o retorno ao *Orun*. “O jeito de hoje é, amanhã não é. Por isso um herbalista consulta o oráculo a cada cinco dias. Quem quer que te machuque hoje, pode ainda ser uma fonte de bênção para você amanhã” (Agbaye, 2020, p.12). Tudo pode mudar na próxima consulta!

Bibliografia



AGBAYE, Oba Ojele Obàtálá; DIAS, Susana Oliveira. Água-cura: uma homenagem a Osun. Campinas: BCCI/Unicamp, 2020. Disponível em: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2020/09/--GUA-CURA-2_compressed.pdf. Acesso em 28 Jul 2023.

BEIER, Ulli. The return of the gods: the sacred art of Susanne Wenger, Cambridge University Press, 1975.

DADA, Olaolu O.O. A narração de uma ideia: a criação do mundo, antes do 1º dia em Ilé Ifé. Trad. Rei Ojele Obàtálá Agbaye e Yeye Meso Obàtálá Agbaye. *ClimaCom – Povos Ouvir – A coragem da vergonha* [Online], Campinas, ano 6, n. 16, dez. 2019. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/olaolu-o-o-dada-a-narracao-de-uma-ideia-a-criacao-d-o-mundo-antes-do-1-o-dia-em-ile-ife>

KI-ZERBO, J. (Org). História da África. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190257>. Acesso 27 Jul 2023.

KENDI, Ibram X. Como ser Antirracista. Rio de Janeiro: Alta Cult Editora, 2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Negro e racismo. *Revista de Cultura Vozes*. 68 (7), 1974, pp. 65-68.

FRIAS, Rodrigo Ribeiro. Metamorfoses Identitárias de lideranças não **Yorúbás** inspiradas no convívio com lideranças religiosas **Yorúbás**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019. Disponível no link: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19072019-153237/publico/frias_corrige_da.pdf. Acesso em 27 Jul 2023.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção História Geral da África : Pré-história ao século XVI / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227007>. Acesso em 27 Jul 2023.

OGUNNAIKE, Oludamini. Sufism and Ifa: Ways of Knowing in Two West African Intellectual Traditions. Doctoral dissertation, Harvard University, Graduate School of Arts & Sciences, 2015, p.260. Disponível em: <http://nrs.harvard.edu/urn-3:HUL.InstRepos:23845406>BANDEIRA, Maria de Lourdes. Valores Civilizatórios Indígenas e Afro-brasileiros: Saberes necessários para a formulação de Políticas Educacionais. In.: RAMOS, Marise Nogueira (ORG.). *Diversidade na educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003).

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Alma africana no Brasil. Os iorubás. São Paulo: Oduduwa, 1996. Disponível em: <http://crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/alma-africana-no-brasil.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI / coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa. – Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227007>. Acesso em 27 Jul 2023.



WENGER, Susanne, *The Timeless Mind of the Sacred: Its New Manifestation in the Oṣun Groves* (Ibadan: Institute of African Studies, University of Ibadan, 1977).

[1] Pesquisadora Colaboradora no Labjor-Unicamp, Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), membro da Casa dos Atoris de Obàtálá e Yemòó. Email: gloriafreitas@alumni.usp.br

[2] Seis datações com carbono 14 de objetos de sítios arqueológicos de Ilé Ifè, atestaram a presença de povoamento entre os séculos VI e X da Era Comum ou Cristã.

[3] Vale muito assistir ao Documentário ‘Ôrí’, palavra *Yorùbá* que significa cabeça. Entre os temas estão os movimentos negros brasileiros (de 1977 e 1988), a relação entre Brasil e África, o quilombo como ideia relevante e uma espécie de fio condutor da história de vida de Beatriz Nascimento, morta tragicamente, em 1995, pelo marido de uma amiga a quem Beatriz aconselhava. Pode ser visto no Canal Curt, e no seguinte link: <https://traduagindo.com/2022/03/10/ori-documentario-completo/>